

## A SEXUALIDADE FEMININA NA OBRA A COR PÚRPURA, DE ALICE WALKER

Sâmara Sandres da Silva <sup>1</sup>  
Alciclei da Graça Cruz <sup>2</sup>

### RESUMO

Ao longo da história do contexto ocidental, da perspectiva da herança eurocêntrica, a mulher sempre foi vista como o “sexo frágil” dependente do sexo masculino, suas tarefas estavam restritas a servidão/submissão, as mulheres não tinham direito da participação direta e ativa nos aspectos políticos sociais e econômicos, sendo “subproduto” da sociedade. Durante os processos de luta pela emancipação e equidade entre os gêneros as mulheres não brancas enfrentaram mais agravantes que as brancas elitizadas. Sob esses pontos analisaremos o protagonismo da personagem da obra *A cor púrpura* em contexto com a verossimilhança apresentada no enredo. O preconceito racial e de gênero é uma realidade que só pode ser mudado com acesso à educação e informação.

**Palavras-chave:** Feminismo, Sexualidade, Análise da protagonização da mulher negra no meio.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo analisa a trajetória da personagem Celie na obra *A Cor Púrpura*, observando de que forma a protagonista consegue superar o preconceito racial e misoginia que enfrenta desde a infância. O intuito desta pesquisa é discutir a sexualidade feminina refletindo sobre o preconceito, com o objetivo de desconstruir impregnações de segregação e machismo da sociedade patriarcal.

Considerando os fatores sócio-históricos, apesar da conquista de espaços e direitos do gênero feminino nas questões de igualdade trabalhista e liberdade sexual, é notória a estagnação de ideologias marcadas pelo caráter discriminatório de gênero e raça presente nos dias atuais. A pesquisa será baseada na crítica literária feminista de Beauvoir (1970), Foucault (1976 e 1984), Perrot (2005), Adichie (2015) dentre outros, questionando o raciocínio machista referente à sexualidade, e combatendo o preconceito.

Observamos o ensaio em torno da sexualidade da personagem fictícia Celie, no início do século XX, colocando seu sexo sob a perspectiva de objeto não pertencente a ela, anatomia desconhecida, a ignorância de compreensão do uso para o prazer. Relacionando o contexto em que se passa o enredo da história notamos a denúncia social exposta na linguagem

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa, da Universidade Federal do Amazonas-UFAM, samarasandre743@gmail.com

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, ac.alciclei@gmail.com

característica da escritora Alice Walker. Abordaremos dentro da história questões relacionadas a linha feminista da sexualidade, do autoconhecimento do corpo e da sua situação enquanto cidadã.

Dentro das marcas patriarcais temos uma educação arcaica de repressão sexual do gênero feminino, formas de impregnação ideológica propagados ainda nos dias contemporâneos. Buscamos proporcionar meios para desconstruir o preconceito de racial de gênero e a misoginia.

## **A SEXUALIDADE DA MULHER NEGRA**

A pesquisa partiu da análise da obra *A cor Púrpura*, da escritora norte americana Alice Walker. Os aspectos metodológicos que incorporaram os caminhos do artigo em tela, se desenvolveu sob cunho teórico qualitativo à luz dos pensadores supracitados. Apropriamo-nos dos discursos literários, filosóficos e políticos dos teóricos para embasar nossos pontos críticos acerca das lutas feministas, de sexualidade, de gêneros, de classes e de raças. Almejamos através desses suportes desconstruir certos estigmas sociais e dar bases para novos horizontes com mais equidade entre todos. Historicamente, a imagem do gênero feminino ficou ocultada sob a sombra do masculino, “o universo foi construído e moldado pelo homem”, era notório “mulheres não podiam saber mais que homens nem apresentar maior inteligência”. Aos poucos e de forma lenta, a mulher com muita luta foi conquistando sua autonomia. A constatação de que a experiência da mulher como ser capaz e produtora nos diversos campos da construção social com capacidades iguais às dos homens, resultou em conflito moral da configuração patriarcal que permeia até os dias atuais.

A emancipação da mulher começou com o discurso feminista de igualdade dos sexos, e democratização ideológica. Essa luta ficou conhecida como as três ondas do feminismo, responsável pelo progresso notável das conquistas do gênero feminino.

Três grandes etapas do feminismo:

- Iluminista: Reconhecimento da igualdade da inteligência Reivindicação da educação;
- Liberal-sufragista: Acesso a todos os níveis de educação, às profissões e ao voto;
- Contemporâneo: Direitos civis, direitos reprodutivos, paridade política, papel das mulheres na globalização. (VALCARCEL,1991, p.4)

Após séculos de luta foi que a mulher negra pode se exclamar, já na terceira onda, o papel na luta da mulher negra é árduo, pois enfrenta uma dicotomia de preconceito regido pelo gênero e raça (e classe social). A mulher negra está na base da pirâmide hierárquica

totalmente marginalizada. O reconhecimento de igualdade sufocado pelo preconceito, somente em meados do século XX, com base na declaração dos Direitos Universais Humanos<sup>3</sup> de 1948 foi que a mulher negra vislumbrou uma emancipação significativa. No entanto, surge de forma rasa, dependente de outras bases de reafirmação.

Dentro do pilar dos Direitos Humanos temos uma das bases para o fundamento feminista, mas de forma vaga. Adichie (2015) discorre sobre a colaboração direta dos direitos humanos nas conquistas feministas, mas ressalva que o documento deixa de forma vaga as particularidades da problemática de gênero.

Os discursos mostram uma disparidade com relação a expressão de gêneros ainda nos dias atuais, infelizmente e erroneamente reproduzidos de maneira enraizada.

Ensinamos as meninas a sentir vergonha. “Fecha as pernas, olha o decote”. Nós as fazemos sentir vergonha da condição feminina, elas já nascem culpadas. Elas crescem e se transformam em mulheres que não podem externar seus desejos. Elas se calam, não podem dizer o que realmente pensam, fazem do fingimento uma arte. (ADICHIE, 2015, p. 36).

Teoricamente podemos desconstruir e quebrar padrões, buscar nossos direitos, mas, no entanto, a voz da mulher ainda é abafada pela contrariedade cultural, se a teoria de liberdade e igualdade forem atuar na prática feminina, subjuga-se que a mulher é meretriz, que foge da “responsabilidade natural imposta”. Neste posicionamento temos uma dupla configuração estereotipada: a mulher negativa e a positiva, a primeira é descrita como sedutora, carnal, boemia, perigosa, imoral, independente e desenquadrada do âmbito familiar sob a visão de mulher sujeito, cuja personalidade é marcada pela insubordinação aos referidos paradigmas, toma poder de decisão, dominação e imposição no livro aparece na figura de Shug.

A mulher ainda está no meio de um processo de sua autonomia indenitária e emancipação, através de lutas conquistou seus direitos, no entanto nos dias atuais ainda notamos uma ampla resistência dos parâmetros normativos em que a mulher ainda é vista como “rebelde sem causa” e promíscua.

A segunda, como mulher positiva que se destaca na forma de anjo recatada e/ou indefesa, incapaz, aquela que segue submissa aos padrões impostos pela sociedade patriarcal machista, sempre colocada como mulher definida pela resignação e falta de voz, conformismo e moralidade “puritana”, tomamos como exemplo a marcante personagem Celie que é uma mulher negra e pobre, na obra a cor purpura que aparece totalmente passiva aos atos de crueldade que a cerca, notamos isso em uma fala no trecho do livro em que diz que ela não

---

<sup>3</sup> Direitos humanos “Hidden in Plain Sight” (Escondido à vista de todos) de 190 países, foi publicado em 2014.

sabe lutar aprendeu apenas sobreviver (WALKER, 1986), a personagem se vê como uma mulher descartável e não nota sua própria resiliência. Estes casos verossimilhantes não ficam isolados no contexto histórico da obra, infelizmente ainda nos dias de hoje a sociedade nutre esse pensamento arcaico de perjuramento sexual e racial em um sistema de segregações. Pois segundo Adichie (2015), a cultura não faz as pessoas, pelo contrário, as pessoas fazem a cultura. Por exemplo, se a humanidade inteira de mulheres não faz parte da cultura, conseqüentemente, temos que mudar nossa cultura.

Temos o dever de modificar solidificações sociais atrasadas, desconstruindo a ótica das relações entre gêneros. A mulher negra não é vista como sujeito, seu corpo sempre foi objetificado e visto como fantasia exótica do prazer, ou seja, a carnalização da sexualidade da mulher negra é nítida, advindo desde sua escravização, na qual seus senhores as tomavam como propriedade e usufruíam de seu sexo a seu bel-prazer. Ainda nos dias atuais a imagem estereotipada da carne negra se propaga na sociedade, a promiscuidade (forçada) envelopa a história da negritude.

As lutas buscam suas bases históricas pela emancipação e autonomia das mulheres, por isso, dentro de uma discrepância a mulher negra traz uma carga histórica diferente das brancas. Neste aspecto, cabe a alusão de alegorias às mulheres negras (escravidão, racismo, marginalização dupla de gênero, raça e classe).

A sociedade expressa uma visão da mulher negra, quase sempre pela ideia objetificada e exotificada um “sabor diferente, apimentado, pecaminoso ‘a cor do pecado’”, expressões que revelam no discurso a contrariedade de desejo e repulsa/culpa construídos no processo histórico de colonização das américas.

Registros epistemológicos e literários revelam as particularidades do caminho de barreiras percorrido pelas mulheres negras. As mulheres alcançaram grandes conquistas no campo da escrita resultado de muitas lutas, mas para a mulher negra, assim como no feminismo, essas lutas e esses processos têm cargas diferentes por agravantes de marginalização e preconceito acentuado. A escrita é uma arma, dando voz a quem precisa ser ouvido, vem denunciar fatores de desigualdade. Neste aspecto a literatura é um fenômeno diretamente ligado a sociedade, refletindo marcas do meio.

Fazendo uma correlação de contextos, o Brasil apresenta quadros sintomáticos similares, pois a realidade das mulheres negras se equivale nos diversos espaços geográficos em questões de herança histórica de submissão e preconceito. Na perspectiva da mulher negra marginalizada temos um grito alarmante, quase que ensurdecido, esse grito ainda é ignorado, mas utilizando da ferramenta literária e da música para denunciar fatores de relevância social,

apesar do nosso país ser miscigenado e laico, notamos uma vasta carga de impregnação envolvendo questões de gênero e religiões afros.

Através da observação do cotidiano do nosso país, notamos os resíduos de uma sociedade cuja marginalização da mulher negra esta explícita, durante muitos anos de luta os fatos foram indiciados como irrelevantes e as lutas foram oprimidas, em muitos casos, a própria população negra desconhece as lutas e a importância da conquista de sua cidadania plena. No Brasil, as vertentes afros, ainda são periféricas e subalternas, nesse cenário as escritoras que possuem conhecimento de causa por serem negras e por abordarem a temática em suas obras, nos traz através de suas técnicas aspectos da protagonização das lutas e sexualidade da negritude.

A escrita literária feminina negra promove embates significativos com extrema relevância aos gritos de denúncia, isto está explícito na obra *A cor púrpura*, de Alice Walker. Observamos o ensaio em torno da sexualidade da personagem fictícia Celie no início do século XX.

Relacionando o contexto em que se passa o enredo da história notamos a denúncia social exposta na linguagem característica da escritora Alice Walker. O aspecto da sexualidade abordada na obra remete ao conjunto das condições anatômicas, fisiológicas e psicológicas que caracterizam os personagens (principalmente Celie). O termo também faz referência ao sexo como uma inclinação ao prazer carnal e ao conjunto dos fenômenos emocionais e comportamentais relacionados com sua prática. O corpo da mulher negra e de outras etnias é visto como objeto que serve ao prazer do homem e ainda sofre a pressão dos tabus ligados à sexualidade.

Ainda vemos socialmente a impregnação de que meninas não devem brincar com seu corpo, não tem o direito de se descobrir etc., fatores do discurso encoberto pela “moral” que leva as proibições sexuais, sendo vedado de diversas formas, Foucault (1980, p.81) chama de “A lógica da censura. Supõe-se que essa interdição tome três formas; afirmar que não é permitido, impedir que se diga, negar que existe”. A seguir faremos uma análise sobre a sexualidade feminina da personagem fictícia Celie.

## **ANÁLISE DA PERSONAGEM CELIE**

Ao escrever um livro o escritor possui seu conhecimento de causa, ou seja, tem suas bases para a escrita e seu objetivo é fazer o texto tomar vida para o leitor, Alice Walker além

da ideia de construir uma ficção para leitura, ela utiliza do poder literário para chamar atenção para problemáticas presentes na sociedade como marcas de preconceitos de raça e gênero e a sexualidade e autonomia feminina, por ser militante feminista, fica claro as denúncias nas linhas da obra.

O texto desperta no leitor pontos subjetivos de concordância e discordância com as problemáticas citadas, mas para uma análise crítica da personagem nos transportamos para fora do campo emocional, pois não devemos nos deixar cegar pela totalidade das emoções enquanto leitor e sujeito social, para fazer uma análise na esfera da construção de sua sexualidade com base na leitura de outros referências teóricos da corrente feminista como Angela Davis, Simone Beauvoir, Michel Foucault, Chimamanda Adiche, dentre outros.

O ensaio sob a visão literária da personagem fictícia Celie da obra *A Cor Púrpura* é de cunho de denúncia social, pois o enredo evidencia através da trajetória vivida pela personagem principal fatores relevantes que abordam temáticas de preconceito racial e de gênero e violência psíquica e física, abordaremos também questões da delicada percepção da sexualidade de Celie. Ela é um personagem redondo, ou seja, vai mudando na história.

Desde as primeiras páginas, o livro nos traz o drama vivido por Celie e nos relata sobre a história de sua vida, desde sua infância conturbada até a fase adulta, fatores que acarretaram na formação de sua personalidade passiva e submissa resultante de suas experiências de mundo. Cabe ressaltar que esta obra literária, puramente fictícia, possui ligação direta com a realidade de muitas pessoas, e por ser de grande relevância social as temáticas presentes na obra, a avaliamos como grito de denúncia.

Já nas primeiras páginas do livro observamos na fase de sua infância os abusos cometidos contra Celie pelo homem que supostamente era seu pai, sob o olhar de hoje é claro e evidente os atos de pedofilia e maus tratos ocorridos, logo após, aos 14 anos de idade Celie é dada para casar cumprindo assim sua ‘função social’, excluindo sua sexualidade do ponto matrimonial.

A escritora deixa muito claro a questão dos abusos cometidos pelo padrasto e depois pelo marido da personagem, figuras masculinas e predadoras que mostra seu domínio submetendo Celie contra vontade a realizar suas vontades, anulando a condição humana da personagem, sendo vista apenas como objeto por seu marido e personagens que aparecem na história.

As mulheres todas só prestam para... e não acaba. Dobra o jornal com a ajuda do queixo, como de costume. Faz-me lembrar o meu pai. O Harpo pergunta: Por que és casmurra? Mas não pergunta: Por que és mulher dele? Isso ninguém pergunta. Já nasci assim, suponho, respondo eu. Ele bate, como se bate às crianças. Só que não costuma bater nos filhos. Diz-me: Celie traz o cinto. As crianças estão lá fora a

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

espreitar pelas gretas da porta. Só posso fazer o possível para não chorar. Transformar-me em madeira. Cellie é uma árvore, digo comigo mesma. É assim que descubro que as árvores têm medo dos homens. (WALKER, 1986, p. 23)

Na primeira frase observamos a fala de Albert colocando a mulher como figura de objeto. Cellie se equivale metaforicamente a madeira sem vida que não sente dor, a árvore tem medo do homem, mas aguenta o golpe do machado. As metáforas trazem um ar reflexivo filosófico, como meio comparativo entre o ser humano e a natureza selvagem subjugada ao seu desejo de impor suas vontades.

O que a tua mão não quer fazer, vais tu fazer. E encostou-me aquela coisa à anca e começou a mexe-la e agarrou-me a mama e metia-me a coisa por baixo e, quando eu gritei, esganou-me e disse: O melhor é calares o bico e começares a te acostumar. Mas nunca me acostumei. (WALKER, 1986, p.6)

O trecho da fala de Celie mostra claramente o asco e o medo que sente, este relato apresenta vozes de várias mulheres ainda nos dias atuais, pois Celie apesar de viver no contexto do século passado e ser uma história fictícia, notamos a ligação com hoje em dia e a verossimilhança com fatos. Nas conversas informais ainda ouvimos a disseminação do discurso que a mulher oprimida merece o que está passando e que ela deve se acostumar com a rotina submissa. Celie vivenciou esses fatos em sua vida. Abusos sexuais trazem danos lesivos ao corpo e a mente do sujeito abusado.

A violência sexual e doméstica que assola Celie se caracteriza no texto de forma evidente pelos atos praticados por seu padrasto e seu marido Albert, esses tipos de violências estão relacionadas dentro do texto como formação social de reprodução da condição da mulher na sociedade da época e ainda é reproduzida nos dias de atuais.

Celie teve a infância roubada pela trágica situação que foi imposta a ela, aos 14 anos de idade casou-se e continuou privada dos estudos, vedada ao trabalho doméstico e no campo e fadada a objeto sexual. O casamento é uma instituição social, que se apresentou à mulher de maneira radicalmente diferente para o homem e para a mulher.

A condição que as mulheres se encontram não é determinada de forma natural, mas sim de forma cultural. No matrimônio a sociedade coloca a mulher sempre abaixo da figura masculina. Vale ressaltar e destacar esses fatores relevantes que tanto atribuíram para o desenvolvimento da sexualidade de Celie.

O asco desenvolvido por Celie para com os homens justifica-se pela sua experiência traumática, e seu desejo inato pelo sexo feminino, na história Shun desperta seu desejo e sua amizade. “A lésbica caracteriza-se com efeito pela recusa do macho e seu gosto pela carne feminina;[...]” (BEAUVOIR, 1970, p. 146), no contexto de *A Cor Púrpura*, as mulheres ainda

estão engessadas pelas configurações de uma sociedade totalmente de poder do patriarcado, no qual a personagem não tem direito de expressar sua sexualidade, além de seu desejo fugir do conceito normal de aceitação, ela não tinha acesso a informações que a deixava totalmente a mercê das circunstância.

Nos dias atuais apesar das mulheres já terem conquistado teoricamente em muitos aspectos sua liberdade e direito de atuação em pé de igualdade com o gênero masculino, ainda se tem um longo caminho a percorrer nos processos de desconstrução da ideologia velada que ficou impregnada como efeito dos fatos históricos que dominaram os pensamentos sociais durante séculos do posicionamento da mulher e seu comportamento.

O erotismo da mulher é muito mais complexo e reflete a complexidade da situação feminina. Vimos que, ao invés de integrar as forças específicas em sua vida individual, a fêmea submete-se à espécie cujos interesses se dissociam dos fins singulares dela; essa antinomia atinge o paroxismo na mulher: exprime-se, entre outras coisas, pela oposição de dois órgãos: o clitóris e a vagina. [...] O "destino anatômico" do homem é, pois, profundamente diferente do da mulher. Não o é menos a situação moral e social. A civilização patriarcal votou a mulher à eastidade; reconhece-se mais ou menos abertamente a o homem o direito a satisfazer seus desejos sexuais [...] (BEAUVOIR, 1970, p. 110).

O sexo no sentido de ato carnal sempre se apresentou de forma distinta para homens e para mulheres, sempre foi taxado as mulheres princípios morais relacionado a descoberta de seu corpo (meninas não devem se tocar nem descobrir o prazer, meninas não deve externalizar suas vontades), enquanto o homem teve liberdade de expressar e satisfazer seus desejos viris, a mulher incumbisse apenas de aceitar e ceder seu corpo para o uso.

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 1980, p.100).

O corpo de Celie desconhecia o prazer e seus sentidos, além das questões que ela sofria de ataques psicológicos a sua autoestima sendo em diversos momento chamada de feia, burra e preta, ainda somava a esses fatores a questão de abusos físicos. Tudo isso desencadeou em sua personalidade passiva, um critério de sobrevivência desumana, de submissão total.

Na história a paixão que despertou por Shug acende Celie, desperta também uma tomada sutil e vagarosa de consciência e busca pela independência e autonomia de sua vida. "Distinguem-se amiúde [...] dois tipos de lésbicas: umas "masculinas" que "querem imitar o homem", outras "femininas" que "têm medo do homem". O segundo sexo p.147.

Notamos que Celie se encaixa no segundo caso, levando em consideração seus traumas vividos em seu casamento e sua relação com a figura paternal.

A mulher pode descobrir ou pressentir através de experiências completas ou esboçadas que não tirará prazer das relações heterossexuais, que somente uma outra mulher será capaz de a satisfazer: e particularmente para a mulher que tem o culto de sua feminilidade é o amplexo sáfico que se evidencia como o mais satisfatório. (BEAUVOIR, 1970, p.155).

O padrão institucionalizado desclassifica e subjuga afetos e relacionamentos homoafetivo como desviantes do natural, a mulher deve casar-se e cuidar do lar e do marido, ser uma perfeita esposa como a personagem. A configuração social e suas “proibições” em alguns casos bloqueiam algumas pulsões sexuais levando em consideração manifestações psíquicas no qual a fonte das experiências é o corpo. Na esfera da sexualidade e os estudos dos gêneros homoafetivos lésbico, tudo que se encaixava nas virtudes ‘desviantes e anormais’ tendia a ser marginalizado e conseqüentemente repreendido socialmente.

Celie passa por um longo período de repressão de sua sexualidade por falta de conhecimentos, desconhecendo até mesmo sua própria anatomia. Suas principais descobertas estão ligadas ao seu laço com Shug. Seu contato eminente com aquela mulher sedutora e ousada totalmente oposta a ela a deixa confusa, pois não saberia distinguir ao certo o que estava sentindo se não teve nenhuma orientação que a ajudasse com relação a seus impulsos sexuais devaneios.

A primeira vez que vi o corpo todo da Shug Avery, comprido e escuro, com mamilos cor de ameixa, como a boca, pensei que me tinha transformado em homem. (WALKER, 1986, p. 25)

Neste fragmento, Celie demonstra o seu desejo por uma mulher e justifica com o pensamento de que estava pensando como um homem, pois não era comum aquela atração por uma pessoa do mesmo sexo, na configuração ‘normal’ mulheres atraíam aos homens e vice-versa. Os processos de construção indenítária são muito complexos, ainda mais para uma pessoa que sempre se anulou.

A sexualidade feminina ainda sofre tabus e repressões, e na época em que se passa o enredo da obra, no início do século XX, esses aspectos que ditavam o comportamento social eram alarmantes.

Celie se apaixona por uma mulher que eventualmente era amante de seu marido Albert, a qual passou umas temporadas na casa dele, foi durante a estadia de Shug na fazenda, que ela despertou o interesse da doce Celie enquanto ela cuidava dela.

Há qualquer coisa, nas veias finas e macias que vejo ou nas grandes, que faço por não ver, que me assusta. É como se me empurrassem para frente. Se não desvio os olhos vou pegar naquela mão e descobrir a que é que sabem os dedos dela na minha boca. (WALKER, 1986, p.26).

As insinuações de pretensão sexual deixam evidente seu desejo ainda reprimido. Com o passar do tempo Shug e Celie se tornam amigas, essa proximidade da margem a troca de carícias entre elas, Shug inicia Celie como passagem para a descoberta de seu próprio corpo e o prazer.

Escuta, diz ela, mesmo aí na tua passarinha há um grelo que fica a ferver quando fazes aquilo que sabes com alguém. Fica cada vez mais quente e depois se derrete. Essa é a parte boa. Mas também há outras. Muito trabalho de mãos e de língua. Grelo? Mãos e língua? A minha cara está tão quente que é capaz de ser ela a derreter-se. Toma, pega neste espelho e olha para ti, aí em baixo. [...] Deito-me de costas na cama e levanto o vestido. Baixo os meus culotes. Seguro o espelho entre as pernas. Uí! Tanto pêlo! Depois uns lábios que parecem negros. E na parte de dentro uma rosa úmida. É muito mais bonita do que julgavas, não é? diz ela da porta. É minha. Onde fica o grelo? Mesmo em cima. Essa parte que sai um bocado. Olho e toco-lhe com o dedo. Tremo um bocadinho. Não é grande coisa mas chega para saber que é aí que se deve tocar. Talvez. A Shug diz: Já que estás a ver, olha também para as mamas. (WALKER, 1986, p. 51).

Celie desconhecia totalmente a anatomia humana e a função da genitália, pois durante toda vida nunca sentiu prazer, o ato sexual era visto por ela como sua obrigação. Aquela atitude traquina de fazer algo em segredo com Shug e descobrir novidades já faz parte de sua transformação na história.

A cumplicidade entre as parceiras não toma posição de dominado objeto e dominante dono, ambas se doam uma a outra. A relação de Celie e Shug se deu a partir de sua aproximação de amizade. Após dividir suas dores e frustrações, de conhecerem bem uma a alma da outra, Celie se sentia protegida com a presença de Shug.

[...] Enquanto lhe aparava o cabelo ele olhava para mim de uma maneira esquisita. Também estava um bocado nervoso, mas eu não sabia porquê até ele me agarrar e me filar entre as pernas dele.[...] Magoou-me, sabes, digo eu. Inda ia fazer catorze anos. Nem nunca tinha pensado que os homens tinham ali em baixo uma coisa tão grande. Só de a ver me assustei. E a maneira como entrava em mim e crescia[...] E choro, choro, choro.[...]. Como magoava e como eu estava admirada. Como ardia enquanto acabava de lhe aparar o cabelo. Como o sangue pingava pelas minhas pernas abaixo e me sujava a meia. (WALKER, 1986, p.55).

Nota-se o flagelo da situação que a protagonista foi submetida, a imagem clara do estupro e de sua ignorância, Celie, não sabia como contornar a situação ou o que fazer, estava assustada e era vítima e refém das infelizes circunstâncias, um mero objeto acuado nas mãos de um predador. Há hoje em dia estudos que comprovam que a maioria dos casos de aliciamento advém de pessoas próximas a vítima (familiares ou vizinhos), a descrição do fato na história caracteriza a dor de muitas pessoas que passam pela mesma situação e que por falta de informação ou vergonha não denunciam. Silenciar um crime ou banalizar/normatizar é uma realidade que estamos vivendo, em nosso país é comum “culpar a vítima pela ação do

agressor”, falas impregnadas pela ignorância e falta de consciência como: foi estuprada porque procurou, foi roubado porque não cuidou direito.

[...] Nunca ninguém gostou de mim, digo. Ela diz: Eu gosto de ti, Miss Celie. E depois levanta-se e beija-me na boca. Uhm, diz ela, como se estivesse admirada. Eu beijo-a também e também. Beijamo-nos tanto que já quase não podemos mais. Então tocamos uma na outra. Eu não sei nada disto, explico à Shug. [...] É uma coisa quente e macia, e sinto os peitos grandes da Shug a bailarem sobre os meus braços como bolas de sabão. Parece o céu, é com isso que se parece, não é nada como dormir com o Sr. (WALKER, 1986, p.56).

Neste trecho do livro é expresso o encontro amoroso e a descrição do ato lesbiano entre as duas, fato de não haver um ser dominante e a cumplicidade entre ambas, torna essa descoberta sexual para Celie como a libertação de seus desejos, na comparação que ela própria faz o coito com Shug em nada se parece com sua obrigação conjugal com seu marido. A doce compreensão do sexo.

A história das personagens da obra é de fato tocante e relevantes, pois é abordada sob o olhar de mulheres fortes que contornaram as dificuldades da vida. O livro mostra que apesar de ser lento e difícil, o progresso é gradual e aos poucos conquistamos nosso espaço e autonomia. Celie consegue enfim se libertar da ignorância que a aprisionava e encontra a real felicidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou de forma teórica, baseado em pesquisas bibliografias relevantes nos caminhos da análise literária observar e refletir sobre temáticas presentes no cotidiano social sob a contextualização histórica da marginalização da mulher negra, a obra escolhida é rica e traz questões de debates atuais como o protagonismo afro descendente, o racismo, sexismo, machismo e etc.

Consideramos que os fatores da história da mulher negra e suas lutas deve abranger o público de modo geral para haver uma tomada de consciência coletiva. Os fatores cronológicos evidenciam as lutas e conquistas da mulher negra contemporânea, apesar de tantas barreiras ainda vemos nas expressões da cultura pop negra, na denúncia literária, na música, na dança e nas artes, nos dias atuais vemos diferentes maneiras de lutar contra a marginalização.

A sexualidade da mulher negra é uma temática polemica e frágil. Tudo que se relaciona ao corpo, a prática sexual e seus fenômenos psíquicos, sofre uma restrição, levando

a marginalização da situação de objetificação do corpo da mulher negra como carne barata. As manifestações artísticas de influência da corrente feminista fazem uma represália a atitudes machistas e sexista.

Nos dias atuais além dos gritos literários de grandes denúncias contra o sexismo e o racismo, contamos com a arte pop, que através da música busca-se a emancipação da mulher negra.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução Christina Baum. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 4. ed. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1970.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

VALCÁRCEL, Amélia. **O que é o feminismo e que desafios apresenta?**. Revista Urbal. Barcelona, abril, 1991.

WALKER, Alice. **A cor púrpura**. Tradução: Peg Bodelson, Betúlia Machado e Maria José Silveira. São Paulo: Editora Marco Zero, 1986.